



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **O LÚDICO E A LECTOESCRITA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES: UMA PRÁTICA EMERGENTE DAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

GT: ALFABETIZAÇÃO E LUDICIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Elisiane Severo da Silva, pós-graduanda do curso de Gestão Educacional, UFSM**  
**Gabriela Cedalia Cardoso, pós-graduanda do curso de Gestão Educacional, UFSM**

**RESUMO:** Este artigo se configura com uma reflexão, oriunda de discussões que fizeram e fazem parte de nossa formação docente. É a partir do estudo de referenciais teóricos e contatos com a prática, oportunizado no curso de Pedagogia, que refletimos acerca do processo de alfabetização e construção da leitura e escrita, mediando este aprendizado, tão importante na vida da criança, com atividades lúdicas que tem por finalidade a construção do conhecimento, perdendo o caráter unicamente de recreação e lazer. Metodologicamente, para a construção deste artigo, partimos de constatações vivenciadas através de nossas práticas escolares, leituras e discussões de pressupostos teóricos sobre a lectoescrita e a ludicidade. Sendo assim, Bolzan (2007), Corsino (2007), Kramer (2007) e Borba (2007), contribuirão para análise e sistematização deste estudo.

**Palavras-Chaves:** Ludicidade. Leitura e Escrita. Alfabetização.

### **É POSSÍVEL APRENDER BRINCANDO, UMA INTRODUÇÃO...**

O presente relato é uma síntese do processo de pesquisa de pós graduandas na área de educação, a partir de focos de interesses relacionados às práticas desenvolvidas durante o período de graduação, em consonância às leituras realizadas durante o percurso e o processo de formação como um todo.

O objetivo deste é dialogar com os pressupostos teóricos presentes no curso de formação profissional e o comprometimento dos sujeitos frente às concepções que tratam de um assunto suma importante, a alfabetização e há ludicidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Para tanto, a fim de conseguir essa interlocução entre teoria e prática, buscou-se através do olhar e da observação das próprias práticas anteriores e dos conhecimentos construídos até o presente momento.

Partimos de um pressuposto básico, o conhecimento de nosso campo de pesquisa, e daí, vem que, O “conhecer” a instituição onde se vai desenvolver qualquer tipo de atividade; pois é importante observar ou não a qualidade neste nível de ensino, esta, compreendendo aspectos fundamentais tais como: a dimensão do trabalho a ser realizada nessa etapa, a relação adulto/criança e também as trocas cognitivas/afetivas que acontecem durante o desenrolar de qualquer tipo de atividade, seja ela baseada em conteúdos atitudinais, conceituais ou procedimentais. Segundo Freire

Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem. (FREIRE, 1997 p. 51).

Dentre desse interím também está o trabalho do professor, que deve estar permeado de saberes necessários a uma prática de respeito à criança e ao seu contexto gerando situações significativas para a aprendizagem.

Aliado a um processo de socialização, responsável pela criação da identidade e da autonomia, deve estar o aprendizado através do lúdico e das descobertas, para tanto é necessário que haja uma interação de forma a propiciar relações interpessoais e sociais que contribuam para a construção do respeito ao outro e a si mesmo, sendo o professor o mediador de tal situação, e, muitas vezes, o responsável por assegurar tais direitos.

Ao se imaginar a criança em seu período de escolarização no Ensino Fundamental deve-se ter em mente sempre que este pequeno ser está em período de formação de sua identidade, e é a escola, um ambiente de formação não só de conhecimentos conteudistas, mas também, de socialização e de interesses infantis, conforme salienta Corsino (2007), quando da importância de conhecer as ações-simbolizações da criança, abrindo espaços para a valorização de suas falas, produções e interesses infantis.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **UMA DÚVIDA, UMA INCERTEZA E A VONTADE DE FAZER... A METODOLOGIA PARA O CONSENSO E A SISTEMATIZAÇÃO**

O trabalho desenvolveu-se através de uma pesquisa documental, leituras e constatações vivenciadas e agora sistematizadas, num encontro entre concepções, determinações e explorações de diferentes olhares, que, contudo convergiram a um foco comum, a ênfase na alfabetização e na ludicidade na ação do trabalho pedagógico.

## **NUMA FOLHA QUALQUER EU DESENHO UM SOL AMARELO... OS RESULTADOS A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO UTILIZADO**

### **O Lúdico e a Aprendizagem**

Explorar o lúdico como forma de desenvolver atividades pedagógicas requer mais do que simplesmente transformar uma folhinha em um jogo didático, destaca Borba (2007), o brincar não pode ser sugerido como pretexto ou instrumento para o ensino de conteúdos.

O brincar como forma de aprendizagem e apropriação de conceitos exige do profissional de educação envolvido no processo uma postura crítica e reflexiva no que tange as formas de abordagem e interrelação entre áreas de conhecimento e propostas diárias.

É comum encontrarmos várias denominações para o significado do brincar, mas, para que o lúdico de fato aconteça, é vital que o professor, além de considerar as ideias e iniciativas da criança, passe a interagir com ela.

Ensinar através do lúdico perpassa as práticas ocorridas nas escolas de substituir o contar histórias e o jogo simbólico, atividades potencializadoras do desenvolvimento da criança, pelas brincadeiras constantes de alfabetização, pois refere-se, segundo Sá (2004), a uma dimensão humana responsável por despertar os sentimentos de liberdade e espontaneidade, e ainda, abranger atividades despreziosas, descontraídas e desobrigadas de intencionalidade, isto é, uma atividade lúdica não deve ter um objetivo de avaliar e pressionar as crianças envolvidas.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Para Piaget (1973, apud Bittencourt e Ferreira, 2002, p. 15), *a atividade lúdica não é apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar a energias das crianças, mas meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual*. Diante dessa colocação é possível se pensar a exploração do lúdico como forma de aprendizagem sem que se delimitem objetivos específicos e se entenda o “aprender a partir de” e não o comum, “aprender para”.

O jogo e a brincadeira caracterizam atividades lúdicas quando são explorados de forma simples e conscientemente livres, sem que sempre haja um resultado esperado, ou uma proposta que a caracterize como forma de apropriação de regras formais. O jogo, no entendimento de Antunes (2000, apud Santos, p.37-38),

propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social, ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

Diante desta colocação destacamos a importância da inserção do lúdico na escolarização da criança se dá, inclusive, configurando uma maneira de se mostrar que o aprendizado se dá também, através das brincadeiras, e que o brincar é um significado indispensável na construção de conhecimentos e na desmistificação de que estas não fazem parte das práticas pedagógicas do profissional de educação e, além disso, permite que a criança sinta prazer em estar na escola.

Podemos dizer que enquanto os alunos jogam desenvolvem a imaginação, a atenção e a interação. Na condição de aspectos da função simbólica atinge a construção, por exemplo, da aquisição da leitura e da escrita. O jogo implica ação mental tanto no domínio lógico, quanto no espaço-temporal. A criança quanto desafiada adquire habilidades operatórias que envolvem a identificação, comparação, análise, síntese e generalização, ampliando e construindo conhecimento.

De acordo Borba (2007), um pressuposto muito importante, o de que, o brincar é uma experiência de cultura muito importante, mas este deve perpassar as fases de escolarização inicial e desenvolver-se também no período de adolescência e fase adulta do ser humano.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A escola em seu papel de gerir a educação deve proporcionar às crianças espaços que sejam alfabetizadores favorecendo o processo de sua autonomia, portanto deve apresentar propostas dinâmicas e desafiadoras, através de jogos, brincadeiras e inclusive, brinquedos, e o professor, por sua vez, deve aproveitar tais recursos em momentos oportunos, a fim de que as crianças desenvolvam seu raciocínio e construam seus conhecimentos de maneira descontraída e contextualizada.

Mais uma vez, trago aqui Borba (2007) para retratar o que de fato deve ser a exploração do lúdico como forma de aprendizagem, e de construção de conhecimento,

Existem inúmeras possibilidades de incorporar a ludicidade na aprendizagem, mas para que uma atividade pedagógica seja lúdica é importante que permita a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como mais um exercício. No processo de alfabetização, por exemplo, os trava-línguas, jogos de rima, lotos com palavras, jogos da memória, palavras cruzadas, língua do pê e outras línguas que podem ser inventadas, entre outras atividades, constituem formas interessantes de aprender brincando ou de brincar aprendendo (BORBA, 2007, p. 43).

É importante que, sendo sujeitos de uma prática profissional, não nos deixemos impregnar de uma cultura errônea e distorcida da exploração do lúdico como forma de aprendizagem, para que assim, possibilitemos às crianças que sejam autônomas, criativas e cúmplices neste processo de interação entre os pares e como experiência de cultura.

## **A criança e a cultura escrita**

No que tange à linguagem escrita, é necessário ressaltar aqui, que as crianças vivem numa sociedade letrada, portanto, a escrita é algo comum a ela, fazendo parte de um mundo ainda desconhecido, mas já explorado. Ainda, inúmeros autores da área de educação, conservam a necessidade das crianças viverem plenamente a infância, através da brincadeira e das descobertas, o que, infelizmente, muitas vezes fica em segundo plano na escola, principalmente nos anos iniciais.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Kramer (2007), afirma que, nessa fase de desenvolvimento, ao estar em contato com as diferentes formas de representação a criança vai descobrindo e aprendendo a usar as múltiplas linguagens: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, musical e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do brincar. Diante disso, para complementar essa ideia, trago as considerações sobre o processo de apropriação de conhecimentos,

(...) o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem consequências na aquisição de conhecimentos no plano da aprendizagem formal (BORBA, 2007, p. 38).

As crianças nascem e crescem em uma sociedade grafocêntrica, e a cultura escrita são uma função mediada, portanto é imprescindível que os responsáveis por essa mediação sejam atentos aos diferentes usos da linguagem.

Segundo Bolzan (2007), devemos considerar a alfabetização como um processo em permanente construção, e não como técnicas de decodificação que funcionam mecanicamente e se dão através de organização de padrões regulares de correspondência entre som e grafemas.

Estas crianças, sujeitos ativos neste enfoque de estagio, ainda se encontram em processo de alfabetização, e, dentro dessas circunstâncias é preciso que se pense em metodologias capazes de suprir carências sem considerar a fase da infância a qual estão contextualizados e ainda, respeitá-las em sua singularidade e não padronizando comportamentos e ação de cada um, permitindo que, estes sujeitos naturalmente vão construindo e tecendo seus conhecimentos, a partir de trocas e interações.

É preciso que, ao se considerar o processo de apropriação de conhecimento da criança, se tenha,

O olhar sensível para as produções infantis permitirá conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas (CORSINO, 2007, p.57).



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Nosso sistema de ensino atual é baseado no capitalismo, e, a educação é geralmente, vista como uma mercadoria, onde a qualidade de ensino se reduz ao lucro, e o uso exagerado de livros didáticos e folhas prontas induz as pessoas a pensarem que o processo de alfabetização se deu de maneira assertiva e preocupada com o “compreender” da criança.

Porém, o que se pode evidenciar dentro dos contextos escolares é uma preocupação de se alfabetizar de forma formal, o que se traduz na grande exploração de lousas, cadernos, e classes organizadas em fileiras, reduzindo mais uma vez as oportunidades de aprender de forma interativa e a partir de suas realidades e vivências.

Dentro desse contexto, evidenciamos Bolzan, quando esta diz que,

Uma vez que são dadas condições para que a criança desenvolva seu próprio processo de aprendizagem, ela o fará a partir desses conhecimentos prévios sobre o assunto ou tema em estudo (o que já pensou, as noções que construiu, entre outros fatores) e das relações que estabelece com as diversas informações apreendidas na interação com seus pares ou sujeitos mais capazes (BOLZAN, 2007, p.25).

Dessa forma, é preciso que se explorem as práticas de leitura e escrita de forma que se privilegiem os pré-requisitos (Bolzan, 2007) e, abandone o modelo tradicional de aquisição do conhecimento, que trata o processo ensino/aprendizagem como uma mera transmissão de conhecimento, para então assumir a postura de educador/mediador, sendo capaz de evidenciar dentre as vivências de seus educandos, as formas de assimilação à qual este é capaz de compreender e se apropriar.

O sujeito aprende à medida que consegue compreender, e esta compreensão se dá a partir de enaltecimento e valorização daquilo que traz em sua bagagem.

O acesso à cultura escrito a criança tem desde o momento de seu nascimento, mas o contato com a leitura e a escrita, muitas vezes é responsabilidade única da escola, por isso os profissionais envolvidos neste processo devem propor atividades diversificadas que envolvam a lectoescreita em sala de aula, já que estes aspectos inovadores da indicam que elas são capazes de criar e de participar de suas culturas,



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

apropriando-se de informações dos adultos procurando atender seus interesses enquanto crianças.

Diante disso, é preciso que se pense antes de pensar na criança como um educando, nela como um ser social, que deve ser respeitado em sua singularidade e compreendido como dotado de desejos e vontades, proporcionando assim, um ambiente escolar que venha a contribuir com a formação diferentes aspectos e possibilite aos educandos a reorganização de saberes a partir das trocas entre os pares. (BOLZAN, 2007; CORSARO, 2009).

## CONCLUSÃO

Sefizemos uma peregrinação pelas escolas de ensino fundamental, possivelmente veremos que os documentos norteadores das práticas pedagógicas sugerem que a aprendizagem se dê através do lúdico, porém, em sua operacionalização não é o que de fato acontece, reforçando a ideia que, cada vez mais os processos educativos estão se dando de forma a impedir a presença do brincar como forma de aprendizagem, segundo Borba (2007), embora já exista uma significativa produção teórica sobre a importância da brincadeira nos processos de aprendizagem, e, dentro das propostas das escolas já se ache presente esta ideia, na prática ela ainda fica restrita a atividades a parte ou de menos importância.

Dentro desta perspectiva, se pensa na contribuição de Kramer, 2007, quando esta afirma que, nessa fase de desenvolvimento, a criança, ao estar em contato com as diferentes formas de representação vai descobrindo e aprendendo a usar as múltiplas linguagens.

E assim, é necessário refletir acerca do brincar a sua importância para o desenvolvimento intelectual da criança, momento característico e essencial da infância e que, infelizmente, está perdendo seu espaço no âmbito escolar, dando lugar cada vez mais a atividades dirigidas e meramente conteudistas. Pois, uma proposta lúdica torna-se um desafio à prática pedagógica, além de selecionar, planejar os docentes precisam estar



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

atentos colocando-se numa relação de igualdade na condição de respeito e de compreensão as dificuldades e os limites de assimilação dos alunos.

## REFERÊNCIAS

### ANTUNES,

BITTENCOURT, G.R.; FERREIRA, M.D.M. A importância do lúdico na alfabetização. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade da Unama, Belém, Pará, 2002. Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA\\_LUDICO.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA_LUDICO.pdf), acessado em 13/06/2014, às 08:28.

BOLZAN, D. P. V. Cultura escrita na sala de aula: compartilhar e reconstruir saberes. In: **Leitura e escrita: ensaios sobre alfabetização**. Org: Dóris Pires Vargas Bolzan. Santa Maria: editora UFSM, 2007.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**/ 2ª Ed. Org. do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricelia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2007.

CORSARO, W.A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. MÜLLER, F.; CARVALHO, A.M.A (orgs). São Paulo: Cortez, 2009.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**/ 2ª Ed. Org. do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricelia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo. Olho D'água. 1997.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**/ 2ª Ed. Org. do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricelia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2007.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

SÁ, N. M. C. Conceito de lúdico. Disponível em [http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc\\_de\\_ludico.html](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.html), acessado em 13/06/2014, às 10:31.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.